

Porto Editora

Santo Agostinho

O Mestre

Introdução e comentários de Maria Leonor Xavier
Tradução de António Soares Pinheiro

8

 PORTO EDITOR

Capítulo XI [Vacuidade das palavras]

AGOSTINHO – Até este ponto chegou o valor das palavras: para lhes conceder o mais possível, incitam-nos apenas a buscar as coisas, não no-las apresentam para as conhecermos. Ora, quem me ensina alguma coisa é quem me manifesta, quer aos olhos quer a outro sentido do corpo, ou ainda à própria mente, as coisas que eu quero conhecer. Portanto, com palavras não aprendemos senão palavras, ou melhor, o som e o ruído das palavras. Com efeito, se o que não é sinal não pode ser palavra, eu não sei que uma palavra é palavra, embora já ouvida, enquanto não souber o que significa. 30

Por conseguinte, conhecidas as coisas alcança-se também o conhecimento das palavras; mas ouvidas as palavras, nem as palavras se aprendem. 35

1 De facto, não aprendemos as palavras que conhecemos, nem podemos
 declarar ter aprendido as que não conhecemos, senão depois de percebida
 a sua significação. Ora, esta não provém da audição dos sons emitidos,
 5 mas do conhecimento das coisas significadas. É um raciocínio muitíssimo
 verdadeiro, e com toda a verdade se diz que ao serem proferidas palavras,
 ou sabemos o que significam, ou não sabemos; se sabemos, mais o reme-
 moramos do que aprendemos; se não sabemos, nem sequer o lembramos,
 mas somos talvez incitados a inquirir.

Se disseres: essas tais coberturas das cabeças, cujo nome retemos
 10 somente pelo som, não as podemos efectivamente conhecer senão vendo-
 -as, nem o mesmo nome o podemos conhecer adequadamente, senão
 depois de as ter conhecido. Mas será porventura de outro modo, a não ser
 por palavras, que aprendemos o que nos foi transmitido acerca desses
 • jovens, quanto ao modo como pela fé e religião triunfaram do rei e das
 15 chamas, bem como quanto aos louvores que cantaram a Deus e às honras
 que mereceram até do próprio inimigo? Responderei que tudo o que é sig-
 nificado por essas palavras já era do nosso conhecimento. Pois o que são
 três rapazes, uma fornalha, o fogo, um rei, e, enfim, o que é ficarem ilesos
 do fogo, e tudo o mais que essas palavras significam, tudo isso já eu o
 20 conhecia. Quanto porém a Ananias, Azarias e Misael, são por mim tão
 desconhecidos como as tais sarabalas; e para os conhecer, em nada me
 ajudaram esses nomes, ou me puderam algum dia ajudar. Mas que todos
 estes factos, que se lêem nessa narrativa, tenham acontecido naquele
 tempo e do modo como estão escritos, confesso que mais propriamente o
 25 acredito do que o sei. Nem aqueles mesmos em que acreditamos ignora-
 ram esta diferença, pois diz o profeta: «Se não acreditardes, não entende-
 reis» [Isaias, 7, 9]. Ele não o diria certamente se julgasse que não havia
 diferença alguma. Assim, o que intelecção também o acredito; mas nem
 tudo o que acredito o intelecção também¹¹. E assim, tudo o que intelec-
 30 ciono sei-o racionalmente, mas nem tudo o que acredito o sei racional-
 mente. Nem por isso ignoro quão útil é acreditar muitas coisas que não sei
 racionalmente. Nessa utilidade incluo também esta narrativa dos três
 jovens. Deste modo, não podendo eu saber racionalmente grande número
 • de coisas, sei todavia com quanta utilidade se acredito.

35 Ora, acerca de todas as coisas que intelecçionamos, não consultamos
 alguém que fala e produz um som fora de nós, mas a Verdade que preside
 interiormente à nossa mente, sendo talvez incitados pelas palavras a con-
 sultá-la. E aquele que é consultado, ensina: é Cristo, de quem se disse que
 habita no «homem interior» [Efésios, 3, 16-17], e é «o Poder incomutável

de Deus e a sempiterna Sabedoria». A esta, de facto, toda a alma racional 1
 a consulta; ela porém manifesta-se-lhe na medida em que cada um é capaz
 de a receber, em razão da própria vontade, boa ou má. Se a alma alguma
 vez se engana, não é por defeito da Verdade consultada, do mesmo modo
 5 que não é por defeito desta luz exterior que os olhos corporais por vezes
 se enganam. É manifesto que para nos certificarmos acerca das coisas
 visíveis recorremos a esta luz para ela no-las mostrar, na medida em que
 somos capazes de as ver.

Capítulo XII [Palavra, sensação e intelecção]

AGOSTINHO – Por conseguinte, acerca das cores, certificamo-nos
 por meio da luz; acerca das outras realidades que sensoriamos por acção 10
 do corpo, certificamo-nos por meio dos elementos deste mundo, ou dos
 mesmos corpos que sensoriamos, e também dos próprios sentidos, de que
 a mente usa como de intérpretes para conhecer essas realidades. Quanto
 às realidades que intelecçionamos, certificamo-nos consultando a Verdade
 interior por meio da razão. 15

Que se pode dizer, com que se manifeste que nós pelas palavras
 aprendemos qualquer coisa, a não ser o som que percute os ouvidos? Com
 efeito, todas as coisas que percebemos, ou as percebemos pelos sentidos
 do corpo ou pela mente. Denominamos as primeiras sensoriais; as segun-
 20 das, inteligíveis; ou, para falar à maneira dos nossos autores¹², denomina-
 mos carnis as primeiras; espirituais, as segundas. Interrogados sobre as
 primeiras, damos resposta, se estão diante de nós essas coisas que
 sensoriamos; por exemplo, quando nos perguntam, estando nós a observar
 a lua nova, qual é ou onde se encontra. Neste caso, se aquele que pergunta
 o não vê, acredita nas palavras, e muitas vezes não acredita; aprender, 25
 de modo nenhum aprende, a não ser que também ele veja o que se lhe diz. Se
 assim for, aprende pelas coisas mesmas e pelos sentidos, e não já pelas
 palavras que ressoaram, pois as palavras que ressoaram ao que não está a
 ver são as mesmas que ressoaram ao que está a ver.

Quando, porém, somos interrogados, não sobre os objectos que senso- 30
 riamos no presente, mas sobre aqueles que outrora sensoriámos, já não
 falamos então das próprias coisas, mas das imagens impressas em nós por
 elas e confiadas à memória. Como podemos dizer verdadeiras essas coisas,
 estando a ver coisas falsas, ignoro-o em absoluto, se não é que narramos
 35 tê-las visto e sensoriado e não que as vemos e sensoriamos. Trazemos

1 assim essas imagens nos recessos da memória, como uma espécie de ensinamentos das coisas anteriormente sensoriadas, e, contemplando-as no espírito, em boa consciência não mentimos quando falamos.

5 Esses ensinamentos, porém, são para nós. Efectivamente, aquele que ouve, se sensoriou e presenciou essas coisas, não as aprende pelas minhas palavras, mas ele mesmo as reconhece por meio das imagens que traz consigo. No caso, porém, de ainda as não ter sensoriado, quem não compreenderá que ele propriamente não aprende, mas crê nas palavras?

10 Quando, porém, se trata de coisas que vemos por meio da mente, isto é, por meio do intelecto e da razão¹³, falamos realmente de coisas que contemplamos presentes nessa luz interior da Verdade, de que é iluminado e goza aquele que se denomina «homem interior». Mas ainda então o nosso ouvinte, se também ele as vê por meio dessa visão íntima e pura, conhece pela sua contemplação o que eu digo e não pelas minhas palavras.

15 Por conseguinte, ao dizer coisas verdadeiras, nem sequer o ensino a ele, que intui essas coisas verdadeiras, pois não é ensinado pelas minhas palavras, mas pelas coisas mesmas que lhe são manifestas, descobrindo-lhas Deus interiormente. E assim, se fosse interrogado sobre elas, também ele poderia responder. Que há de mais absurdo do que julgar ser ele ensinado pela minha locução, ele que, se fosse interrogado, antes de eu falar poderia expor essas mesmas coisas? Com efeito, o facto de o interrogado negar alguma coisa, e urgido por outras perguntas a vir a admitir, como frequentemente acontece, isso deve-se à fraqueza da pessoa que contempla, a qual não é capaz de divisar nessa luz a totalidade de um assunto. Leva-se a fazê-lo por partes, ao interrogá-la sobre aquelas mesmas partes que constituem esse conjunto, ao qual ela não conseguia contemplar na totalidade. Se é levada a isso pelas palavras de quem a interroga, estas não são de ensino, mas de inquirição, e feita segundo a medida que tem a pessoa interrogada, de aprender interiormente.

30 É como se eu te perguntasse isto mesmo de que se está tratando, a saber, se nada se pode ensinar com palavras, e a questão te parecesse absurda à primeira vista, por não a poderes ver no seu conjunto. Neste caso, seria preciso interrogar segundo as forças que tens para ouvir interiormente esse Mestre. E assim eu diria: onde aprendeste aquelas coisas, que ao ouvir-me falar declaras que são verdadeiras, que estás certo delas e garantas conhecer? Talvez me respondesses ter sido eu que as ensinei. Eu então acrescentaria: se te dissesse que tinha visto um homem a voar, porventura as minhas palavras deixar-te-iam tão certo como se me ouvisses dizer que os homens sapientes são melhores que os nescientes?

1 Com certeza negarias, respondendo que o primeiro não o acreditavas ou' que, embora o acreditasses, o ignoravas; mas que o segundo o sabias com absoluta certeza.

5 Por aqui já entenderias certamente que nada aprenderas com as minhas palavras, nem quanto àquilo que, tendo-o eu afirmado, tu ignorarias, nem quanto ao que sabias perfeitamente. Com efeito, interrogado tu sobre cada parte, jurarias até que a primeira te era desconhecida e a segunda conhecida. Quanto ao conjunto da questão a que nos referimos, e tu havias negado, reconhecerias a verdade do seu todo quando conhecesses como claras e certas as partes de que ela consta, isto é, que todas as coisas de que falamos, ou o ouvinte ignora se são verdadeiras, ou não ignora que são falsas, ou sabe que são verdadeiras. Da primeira das três alternativas é próprio crer, ou opinar, ou duvidar; da segunda, contradizer e rejeitar; da terceira, confirmar. Em nenhum caso portanto se trata de aprender. Fica assim demonstrado que nem aquele que depois das nossas palavras ignora um assunto, nem aquele que conhece ter ouvido falsidades, nem aquele que se fosse interrogado poderia responder as mesmas coisas que se tinham dito aprenderam nada com as minhas palavras.

Capítulo XIII [Deficiências da palavra]

20 AGOSTINHO – Por esta razão, mesmo nas coisas que são intuídas pela mente, em vão todo aquele que as não pode intuir ouve as palavras do que as intui, à parte ser útil acreditá-las enquanto se ignoram. Todo aquele, porém, que as pode intuir, esse interiormente é discípulo da Verdade, e exteriormente é juiz daquele que fala, ou melhor, da mesma locução, pois ele muitas vezes sabe as coisas que se disseram, quando as ignora aquele mesmo que as disse.

25 Suponhamos por exemplo que alguém, acreditando nos epicuristas, e julgando que a alma é mortal, expõe os argumentos que sobre a sua imortalidade foram elaborados por homens mais sábios, e que o está a ouvir uma pessoa capaz de intuir coisas espirituais. Esta pessoa julga que o tal epicurista diz coisas verdadeiras, mas o que as diz ignora se diz coisas verdadeiras, ou até as julga falsíssimas. Dever-se-á então pensar que ele ensina o que não conhece? Entretanto, usa das mesmas palavras de que também poderia usar, se fosse conhecedor.

35 Deste modo, nem sequer isto se reserva às palavras – que ao menos por elas se revela o íntimo de quem fala –, visto ser incerto que este

1 conheça aquilo que diz. Acrescenta a isto os mentirosos e os enganadores;
 por eles facilmente entenderás que, pelas palavras, o íntimo não só não se
 abre, mas até se oculta. Entretanto, não duvido de maneira nenhuma de
 que as palavras dos homens verídicos pretendem, e de algum modo o pro-
 clamam, que o íntimo de quem fala se revele. Consegui-lo-iam, todos o
 concedem, se aos mentirosos não fosse permitido falar.

Todavia, muitas vezes temos experimentado, tanto em nós como nos
 outros, que as palavras que se proferem não são as das coisas que se pen-
 sam. Vejo que isto pode acontecer de dois modos: quando um trecho
 decorado, e muitas vezes repetido, sai da boca de quem está a pensar nou-
 tra coisa, o que nos acontece frequentemente, ao cantarmos um hino; ou
 então quando contra nossa vontade saem umas palavras por outras, por
 desvio da própria língua. Também neste caso não se ouvem os sinais das
 coisas que temos na alma.

15 Quanto aos mentirosos, também pensam realmente nas coisas que
 dizem, de modo que, embora não saibamos se dizem a verdade, sabemos
 todavia que têm no seu íntimo o que dizem, a não ser que se dê com eles
 algum dos dois casos que disse. Se alguém porfia não só em que estes
 acontecem de quando em quando, mas também em que, quando aconte-
 cem, isso se torna evidente, não o contradigo, se bem que frequentemente
 isso permanece oculto, e frequentemente ao ouvir me enganei.

Mas a tudo isto acresce outro caso, sem dúvida muito vulgar, e origem
 de inumeráveis dissensões e lutas: quando quem fala significa realmente
 aquilo mesmo que pensa, mas muitas vezes só quanto a ele e a alguns
 outros. Quanto porém à pessoa a quem fala e a várias outras, já não signi-
 fica isso mesmo. Dissesse algum interlocutor a nós que o estivéssemos a
 ouvir que o homem é superado em valor por alguns animais. Imediata-
 mente nós não poderíamos suportar e rejeitaríamos com grande energia tão
 falsa e perigosa afirmação. Ora, talvez esse interlocutor chamasse valor às
 forças do corpo e com este nome exprimisse o que pensava. Não mentia
 nem errava com respeito às coisas; não sobrepunha palavras retidas na
 memória, por estar com o espírito a pensar em alguma outra coisa; nem
 fazia ouvir por lapso de língua coisa diferente do que pensava. Chama ape-
 nas àquilo em que pensa por nome diferente do que nós usamos. Sobre isso
 dar-lhe-íamos imediatamente o assentimento, se pudéssemos enxergar o
 seu pensamento. Não no-lo conseguiu ainda patentear com as palavras já
 proferidas, e com o enunciado da sua afirmação.

Dizem que este erro pode ser remediado pela definição; no caso pre-
 sente, se esse interlocutor definisse o que é valor. Ficaria claro, dizem,

que a controvérsia não era à volta da realidade, mas da palavra. 1
 Quão poucos bons definidores se podem encontrar, para eu conceder que
 assim é! E, todavia, muitas objecções se têm apresentado contra o ensino
 da definição. Não é aqui oportuno tratar delas, nem eu inteiramente as
 aprovo.

Ponho de parte que muitas palavras não as ouvimos bem, e sobre elas
 disputamos muito e longamente, como se fossem ouvidas. Assim, dizendo
 eu, há pouco, «misericórdia», com certa palavra púnica, tu dizias ter
 ouvido àqueles de quem esta língua é mais conhecida, que esse termo sig-
 nifica « piedade ». Eu, opondo-me, afirmava que tinhas esquecido comple- 10
 tamente o que aprenderas. Na verdade, parecia-me que não tinhas dito
 « piedade », mas « fé », embora estivesse sentado junto de mim, e estes
 dois nomes de nenhum modo iludam o ouvido, pela semelhança do som.
 Julguei apesar disso, durante algum tempo, que ignoravas o que te tinham
 dito, quando era eu que ignorava o que tu disseras. Efectivamente, se eu 15
 tivesse ouvido bem, de modo nenhum me pareceria absurdo que « pie-
 dade » e « misericórdia » se designassem na língua púnica por um só vocá-
 bulo. Na maioria das vezes é isto que acontece. Ponhamo-lo porém de
 parte, como já disse, não pareça eu tirar da negligência do ouvinte, ou
 também da surdez dos homens, uma falsa acusação contra as palavras. 20
 São mais aborrecidos os casos que enumerei acima, em que por meio das
 palavras, percebidas clarissimamente pelo ouvido, e latinas, não consegui-
 mos conhecer os pensamentos dos que falam, sendo nós da mesma língua.

Mas eis que agora deixo isso de lado, e concedo que, tendo as palavras
 sido recebidas pelo ouvido de quem as conhece, este pode saber que quem 25
 fala pensou naquilo que elas significam. Por esse facto, e é do que agora
 se trata, aprende ele também se o outro disse a verdade?

Capítulo XIV [O mestre e a consciência]

AGOSTINHO – Proclamam acaso os professores que se aprenda e
 fixe o que eles pensam, e não as doutrinas mesmas, que eles julgam
 comunicar falando? Pois quem será tão estultamente curioso que mande o 30
 seu filho à escola para que ele aprenda o que o professor pensa? Ora
 depois de terem [os professores] explicado por palavras todas essas dou-
 trinas, que declaram ensinar, incluindo a da virtude e a da sapiência¹⁴,
 então aqueles que são chamados discípulos consideram consigo mesmos
 se se disseram coisas verdadeiras, e fazem-no contemplando, na medida 35

1 das próprias forças, aquela Verdade interior de que falámos. É então que aprendem. Tendo averiguado interiormente que foram ditas coisas verdadeiras, pronunciam louvores, ignorando que não louvam propriamente homens que ensinam, mas sim ensinados¹⁵, se é que também esses professores conhecem o que dizem.

5 Os homens enganam-se, chamando mestres àqueles que o não são, porque geralmente entre o tempo da locução e o do conhecimento não se interpõe nenhum intervalo; e dado que tais homens aprendem interiormente logo depois da insinuação de quem fala, julgam ter aprendido do exterior, por meio de aquele que insinuou.

10 Sobre toda a utilidade das palavras, que, se bem se considerar, não é pequena, indagaremos noutra altura, se Deus permitir. Por agora, advertite de que não lhes devemos atribuir mais importância do que é justo, de maneira a não acreditarmos apenas, mas começarmos também a entender com quanta verdade foi escrito, e com autoridade divina: «não chamemos mestre a ninguém na terra, pois que o único Mestre de todos nós está nos Céus» [Mateus, 23, 8-10]. O que quer dizer «nos Céus», Ele próprio o ensinará, Ele que também pelos homens, por meio de sinais e de fora, nos incita a que nos voltemos para Ele no nosso interior, para sermos ensinados. A vida venturosa é conhecê-Lo e amá-Lo. Todos proclamam que a buscam, mas poucos são os que podem alegrar-se de a ter verdadeiramente encontrado.

25 Queria agora me dissesse o que pensas de toda esta minha exposição. Se sabes que são verdadeiras as coisas que se disseram, também terias dito que as sabias, se fosses interrogado sobre cada afirmação particular. Vês portanto de quem as aprendeste; de mim, realmente não, a quem responderias tudo isso, se to perguntasse. No caso porém de não saberes se são verdadeiras, então nem eu nem Ele te ensinou; mas eu, porque nunca posso ensinar; Ele, porque tu ainda as não podes aprender.

30 ADEODATO – Quanto a mim, advertido pelas tuas palavras, aprendi que o homem, pelas palavras, não é mais que incitado a aprender, e que é de muito pouco valor o facto de que grande parte do pensamento de quem fala se manifesta pela locução. Se realmente se dizem coisas verdadeiras, só o ensina Aquele que, quando nos falavam de fora, nos advertiu de que Ele habitava no interior. Eu O amarei desde agora tanto mais ardentemente quanto mais estiver adiantado em aprender.

35 Entretanto, estou muito grato por esta tua exposição, em que usaste seguidamente da palavra, sobretudo por ela ter prevenido e resolvido tudo o que eu estava disposto a objectar. Além disso, não foi por ti deixado de

parte absolutamente nada do que me causava dúvida, e acerca do qual esse oráculo secreto não me respondesse, segundo o que era afirmado pelas tuas palavras.